



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9222 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT06 - Educação Popular

Uma fonte de inspiração esquecida da Educação Popular: a obra de Álvaro Vieira Pinto

Ivonaldo Neres Leite - UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

UMA FONTE DE INSPIRAÇÃO ESQUECIDA DA EDUCAÇÃO POPULAR: A OBRA DE ÁLVARO VIEIRA PINTO

O trabalho tem como objetivo resgatar a contribuição pioneira da obra de Álvaro Vieira Pinto para o desenvolvimento da Educação Popular, demonstrando, por exemplo, que conceitos desta são originários de seu pensamento, embora geralmente assim não sejam percebidos, como é o caso do conceito de conscientização utilizado por Paulo Freire, sendo que este próprio chegou a admitir que tal conceito originariamente é uma formulação de Álvaro Vieira Pinto. Para atingir o referido propósito, foi realizada uma revisão bibliográfica dos principais trabalhos de Vieira Pinto, evidenciando-se que ele é uma fonte de inspiração esquecida da Educação Popular e que resgatar o seu pensamento é uma condição fundamental para, na atual conjuntura brasileira, entender os seus desafios - do ponto de vista das classes populares - e buscar superá-los, apostando no futuro, conforme outro conceito de Vieira Pinto, como 'feixe de possibilidades'.

Palavras-chave: Educação Popular, Álvaro Vieira Pinto, conscientização.

Introdução

Neste trabalho, sustento a tese de que a obra de Álvaro Vieira Pinto (1909-1987) é uma fonte de inspiração esquecida da Educação Popular, sendo desconsiderada a sua valiosa contribuição para o desenvolvimento desta. Assento essa asserção numa leitura sistemática de obras fundamentais suas, como 'Consciência e Realidade Nacional', 'Ciência e Existência', 'Sete Lições sobre Educação de Adultos', 'Ideologia e Desenvolvimento Nacional', 'A Sociologia dos Países Subdesenvolvidos' e 'A Questão da Universidade'.

Álvaro Vieira Pinto: um pensador universal, a consciência e o diálogo

Álvaro Vieira Pinto pode ser considerado um pensador universal, com incursões em vários campos do conhecimento. Formou-se em medicina, física e

matemática, tendo-se tornado catedrático da então Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil (atual UFRJ). Cosmopolita, comunicava-se em vários idiomas, tendo estudado na França (1949-1950) e passando por diversos países – em parte deles com atuação profissional –, como Portugal, Espanha, Itália, a então Iugoslávia, Paraguai e o Chile, onde trabalhou no Centro Latino-americano de Demografia (CELADE). Alcançou notoriedade a partir de 1956, quando se juntou ao grupo de fundadores do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), tendo sido chefe de seu Departamento de Filosofia.

A esperança de Vieira Pinto e de seus companheiros do ISEB, na segunda metade dos anos 1950, incidia sobre um desenvolvimento nacional autônomo e democrático que significasse a emancipação brasileira e a elevação do nível de existência do povo. Para ele, só seria possível conceber o desenvolvimento nacional como um processo à luz de uma teoria interpretativa da realidade que viria das massas populares, o que demandava um contato dialógico com o povo.

Em significativa parte, a obra de Vieira Pinto foi produzida num período marcado pelos signos da construção do ‘novo’ e da ‘mudança’ no Brasil – pontos fundamentais do período que emergiu com a eleição de Juscelino Kubistchek (1955) e que vai até 1964, encerrado pelo golpe de Estado civil-militar, e que levou Vieira Pinto ao exílio. Em tal contexto de busca pela construção da mudança, o Instituto Superior de Estudos Brasileiros foi um ativo centro difusor de ideias, muitas delas ecoadas a partir das elaborações de Vieira Pinto, mas também de, entre outros, Roland Corbisier, Hélio Jaguaribe, Cândido Mendes e Nelson Werneck Sodrê. Criado por decreto presidencial em 1955 e extinto logo após o golpe, o ISEB deu expressão à procura, no plano do pensamento, por um projeto nacional de desenvolvimento autônomo e inclusivo, que ia em sentido diferente ao projeto que se seguiu no pós-1964.

A extensa obra *Consciência e Realidade Nacional*, de 1960, possivelmente possa ser concebida como uma espécie de ‘centro epistemológico’ do pensamento de Vieira Pinto ou, como diz Côrtes (2003), é a mais importante peça do seu *corpus* de pensamento. Para o propósito mais imediato que tenho em vista neste trabalho, sobre ela me deterei aqui. A obra está dividida em dois livros e é composta por três partes, conforme a apresentação feita a seguir.

A primeira parte é constituída por uma longa introdução teórico-metodológica (cerca de 150 págs.), onde Vieira Pinto defende a base material, física e social da consciência. De forma preliminar, já aí adianta a conceituação das formas polarizadas de ‘consciência da realidade nacional’, que, de modo geral, representariam dois modos de pensar, quais sejam: i) a *consciência ingênua*, como sendo aquela que, por essência, não tem ciência dos fatores e condições que a determinam; ii) a *consciência crítica*, que, ao contrário da primeira, seria aquela que tem clara ciência dos fatores e condições que a determinam.

Na segunda parte, voltada especificamente à *consciência ingênua*, ele realça diversas dimensões, atitudes e características dessa forma de consciência. Afirma, por exemplo, que a consciência ingênua é marcada pelo caráter emotivo, pela incoerência lógica, pela incapacidade de argumentar, pelo moralismo, pelo culto a heróis, pelo messianismo, pelo ufanismo, etc. Ou seja, atributos que ele considerava improdutivos ao desenvolvimento da conscientização e emancipação. Afirma: “O pensar ingênuo não merece ser somente aquilatado como mal para o

indivíduo, mais grave ainda é o dano causado à comunidade, que nele enfrenta um obstáculo realmente prejudicial ao processo de desenvolvimento” (VIEIRA PINTO, 1960, p. 161).

Nas cerca de 600 págs. da terceira parte, correspondente ao livro dois, Vieira Pinto trata da consciência crítica conceituando-a como um sistema de sete categorias relacionadas, quais sejam: objetividade, historicidade, racionalidade, totalidade, atividade, liberdade e nacionalidade. De forma direta, enfatiza:

A consciência crítica é um sistema, ao contrário da modalidade ingênua, que, em razão de não se julgar condicionada pela realidade, não exibe tal caráter, nem mesmo o deseja ter, sendo, ao invés, um aglomerado de atitudes desconexas, ditadas por circunstâncias ocasionais, presas a interesses momentâneos, sem vínculos com o sentido do processo coletivo. Ao considerar a consciência crítica como sistema não devemos dar a este vocábulo o sentido dogmático que quase sempre possui em filosofia. Aqui, significa apenas o repertório de ideias mais gerais que permitem apreender a realidade, e cujo conhecimento não resulta da meditação abstrata, mas da prática social, transformadora do mundo objetivo, e da vivência da etapa histórica do desenvolvimento em que se encontra a comunidade (VIEIRA PINTO, 1960, p. 520).

A divisão de *Consciência e Realidade Nacional* em três partes evidencia um rigoroso e cuidadoso procedimento analítico adotado pelo autor. Quer dizer, amparado num consistente aporte teórico-metodológico inicial, primeiro trata da definição das categorias (a polaridade das consciências), em seguida tem em conta a negação, isto é, a problematização das ‘atitudes ingênuas’, e, por fim, em forma de superação, apresenta a sua formulação em torno da consciência crítica. Não tinha em perspectiva a ‘consciência em geral’, mas uma ‘realidade concreta’, ou seja, a realidade brasileira. Partia de uma definição de consciência como conjunto de representações, ideias e conceitos organizados em estruturas suficientemente caracterizadas para que fossem diferenciados tipos ou modalidades a respeito, no sentido de se ter uma tipologia da consciência nacional. Parece claro que Vieira Pinto ancorava-se na premissa da dialética materialista segundo a qual não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência (LUKÁCKS, 2003). Porém, também, é de se perceber uma interação com a perspectiva fenomenológica, designadamente no que diz respeito à compreensão segundo a qual a consciência não existe fora do real representado. Quer dizer, no caso, a relação da subjetividade ao plano real não é a de ligação entre um suposto mundo espiritual e o das coisas materiais, nem a de mera reflexão óptica, como se o objeto real admitisse uma imagem virtual num espelho, mas é a relação de ‘intencionalidade’ (VIEIRA PINTO, 1960). Ele colocava-se, assim, em sintonia com a tese de Husserl segundo a qual a consciência é sempre consciência de algo, contudo, ponderando-a, ao negar o caráter idealista de que se reveste, em geral, o pensamento fenomenológico, impedindo-o de descobrir a existência da intencionalidade da consciência coletiva (IBIDEM, 1960).

Vieira Pinto antecipou-se, portanto, a Paulo Freire, desenvolvendo a base analítica sobre consciência/conscientização que esse utilizaria posteriormente em sua abordagem educativa^[1], como ele próprio chegou a reconhecer (FREIRE, 1980). Mas não só. Também são pioneiras as elaborações de Vieira Pinto sobre diálogo. Compreendendo o diálogo como condição existencial da realidade

humana, que dele necessita para se fazer a si mesma, e que sempre precisa ser realizado em âmbito contextual, com interlocutores reais e temas objetivos, ele afirma:

O diálogo não pode ser exercício imaginário, a que o espírito se dedique para adestrar-se ou simplesmente para provar a sua verdade em presença de um adversário fictício; tem de ser um drama concreto, travado entre existências que ocupam posições distintas no espaço social, antagônicas em virtude de razões que afetam existencialmente uma e outra. O homem não existe sem a comunicação que constitui para a sua consciência meio indispensável à compreensão da objetividade (VIEIRA PINTO, 1960, p. 189).

A aproximação de Vieira Pinto à temática do diálogo sempre foi muito estreita. Conquistou a sua cátedra universitária com uma tese sobre o *Timeu*, de Platão^[2], e foi o responsável pela tradução, em 1958, do livro *Razão e Anti-razão em Nosso Tempo*, de Karl Jaspers, onde a ideia de razão aparece relacionada ao exercício da comunicação. Ao realçar o diálogo como um 'drama concreto', o nosso autor parece querer chamar a atenção para o caráter situado e contextual em que a comunicação se desenvolve.

Álvaro Vieira Pinto e a Educação Popular

Várias formulações analíticas de Álvaro Vieira Pinto influenciaram o desenvolvimento da Educação Popular, nomeadamente na perspectiva assumida por Paulo Freire. Contudo, no mais das vezes, sobretudo atualmente, ignora-se que o responsável por definições e categorias que se tornaram estruturantes da área de Educação Popular é Vieira Pinto, e, de modo mais extensivo, os enfoques do ISEB. O próprio Paulo Freire admitiu isso: "Acredita-se geralmente que sou o autor deste estranho vocábulo "conscientização" por ser este o conceito central de minhas ideias sobre a educação. Na realidade, foi criado por uma equipe de professores do INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS BRASILEIROS por volta de 1964. Pode-se citar entre eles o filósofo Álvaro Pinto" (FREIRE, 1980, p. 25). Mais ainda, no que se refere ao seu *Educação como Prática da Liberdade*, ele afirmou:

Bem, a Educação como Prática da Liberdade foi uma revisão ampliada da minha tese, que defendi para uma cátedra na Universidade de Pernambuco [...] No Chile, revi tudo e, inclusive, percebi uma série de incongruências. Mas, antes de fechar o livro para publicação [...], eu tive a felicidade de ter o Álvaro Vieira Pinto por perto, que fez uma leitura crítica dos originais. Esse grande filósofo brasileiro, às vezes nem sempre bem compreendido, chegara da Iugoslávia para o Chile (FREIRE e GUIMARÃES, 2000, p. 176).

A obra de Vieira Pinto como fonte inspiradora à Educação Popular, assim como a sua abordagem educativa em si nem sempre, porém, são convergentes com a direção tomada pela perspectiva freireana. Apreende-se isso tanto do denso arcabouço teórico da sua obra como de uma entrevista sua constante da introdução do livro *Sete Lições sobre Educação de Adultos*, ao fazer afirmações

como “a ciência tem sua evolução própria e a pedagogia tem que se adaptar a essa evolução” (VIEIRA PINTO, 1993), mesmo que ele enfatize que essa adaptação deve ser de uma forma “crítica que permita estabelecer o jogo de contradições” (IBIDEM, p.26). Também se nota o seu tom de reprovação ao sentido acrítico, reprodutivo e laudatório, de permanente louvor, impresso por determinados freireanos ao legado que eles abraçaram. A esse respeito, ele enfatiza: “É preciso que o êxito de uma determinada atitude pedagógica não se transforme em obstáculo ao prosseguimento do curso da própria educação. Os métodos bem sucedidos, como o do Paulo Freire, podem acabar se tornando um quisto, uma coisa que impede o prosseguimento do seu próprio desenvolvimento” (IBIDEM, 1993 p. 26).

No dizer de Norma Côrtes, ao tratar da relação entre Vieira Pinto e a educação, ele dispensou o proselitismo, próprio da retórica fácil para agradar plateias, e construiu uma obra que, dotada de um denso estatuto epistemológico, teve como um dos seus focos a transformação das consciências e a educação das massas (CÔRTEZ,), de um modo marcado pela ‘vigilância analítica’, para evitar as celebrações ufanistas que costumam entorpecer as “abordagens críticas”, tornando-as então sem valência interpretativa e desprovidas de **efetivo** potencial transformador.

Na quadra histórica que o Brasil vive atualmente, onde as consciências por vezes apresentam-se desnordeadas e o imponderável ronda a nação, recuperar de forma crítica e criativa bases da obra de Álvaro Vieira Pinto, do ponto de vista da Educação Popular, significa apostar no futuro – usando mais um enfoque analítico dele – como ‘feixe de possibilidades’, o que quer dizer ter em conta um projeto de superação do estabelecido e, ao mesmo tempo, um conjunto de ações emancipadoras no sentido de ultrapassar as ‘situações- limites’ que aprisionam e angustiam o país, principalmente as classes populares.

Referências

CÔRTEZ, Norma. **Três comunicações reunidas sobre Álvaro Vieira Pinto**. Rio de Janeiro: Artes do Tempo, 2020.

CÔRTEZ, Norma. **Esperança e Democracia: As idéias de Álvaro Vieira Pinto**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3 ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. [Aprendendo com a própria história](#).

Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2000.

LUKÁCS, György. **História e consciência de classe**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Sete lições sobre educação de adultos**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 1993.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Consciência e realidade nacional**. Vols. 1 e 2. Rio de Janeiro: ISEB, 1960.

[1] O ano da primeira edição de *Educação como Prática da Liberdade*, de Paulo Freire, é 1967; o seu *Pedagogia do Oprimido* foi escrito em 1968. A obra *Educação e Realidade Nacional*, de Álvaro Vieira Pinto, é de 1960.

[2] O *Timeu* é um dos diálogos de Platão, com um longo monólogo do personagem-título. O trabalho trata da especulação sobre a natureza do mundo físico e os seres humanos.